

Indústria gaúcha no primeiro quadrimestre de 2002: recuperação incerta*

*Silvia Horst Campos***

Ao final de 2001, os indicadores do nível de atividade industrial no Brasil apontavam continuidade do processo de superação dos fatores que provocaram desaceleração econômica a partir do mês de abril e que acabaram ocasionando uma queda real de 0,58% no PIB industrial, conforme dados do IBGE.

O clima de otimismo criado por esses indicadores sinalizava, assim, o início de uma nova retomada da atividade industrial no Brasil. Dentre os fatores positivos que balizavam essas expectativas, podem-se destacar os seguintes: os níveis de estoques médios nas empresas reduziram-se no último trimestre do ano em relação ao trimestre anterior, embora ainda se situando acima do nível planejado; a produção industrial, na série livre de influências sazonais, apresentou elevação de 1,5% em novembro e de 1% em dezembro (as primeiras taxas positivas desde março), liderada pelo segmento de bens de consumo, particularmente os bens duráveis, acumulando uma expansão de 1,5% no ano; as estatísticas da indústria automotiva voltaram a mostrar expansão na venda de autoveículos no mercado interno, em novembro e dezembro; o nível de utilização da capacidade instalada, segundo a **Sondagem Conjuntural** da FGV, cresceu entre outubro de 2001 e janeiro de 2002; o total de investimentos diretos estrangeiros que entrou no País em 2001 se situou dentro das metas do Banco Central; o Indicador de Confiança do Empresário Industrial, apurado pela Confederação Nacional das Indústrias (CNI), apontava melhora expressiva na percepção das condições econômicas em janeiro com relação a outubro do ano ante-

* Este texto foi elaborado com informações obtidas até 28.06.02.

** Economista da FEE e Professora da PUCRS.

A autora agradece aos colegas Rubens Soares de Lima e André Luis Forti Scherer pelos comentários e sugestões efetuados à versão preliminar do texto, bem como ao estagiário Marcos Vinícius Guterres Ibias pelo apoio técnico.

rior pela maioria dos industriais; a taxa de desemprego aberto apurada pelo IBGE atingiu 5,6% em dezembro, ante 6,4% em novembro; e o número total de empregos formais no País cresceu 2,6% em 2001, de acordo com o Ministério do Trabalho e Emprego.

Além disso, alguns fatores conjunturais passaram a ser vistos como superados ou em fase de superação. Incluía-se nestes a trajetória de elevação da taxa básica de juros e a forte instabilidade cambial, decorrentes das dificuldades externas à economia brasileira consubstanciadas na crise argentina e na desaceleração da economia mundial, em especial a dos Estados Unidos, da Europa e do Japão, bem como a imposição de metas substantivas de racionamento de energia elétrica na maior parte do País, que comprometeu o dinamismo industrial durante boa parte do ano passado.

Assim, internamente, no início do ano, as principais tendências de curto prazo eram de queda nas taxas de juros, que, juntamente com a reativação do crédito, dariam novo impulso à atividade econômica;¹ de descompressão do mercado de câmbio, mitigando as pressões inflacionárias; e de aumento da produção industrial e das vendas no varejo em razão do fim do racionamento de energia, eliminando um importante entrave à atividade econômica e, também, liberando uma demanda reprimida por bens de consumo duráveis. A essas tendências somavam-se elementos específicos, tais como a Copa do Mundo e as eleições, tendendo a reforçar o quadro favorável para a expansão da produção industrial.

Externamente, o otimismo advinha dos sinais de retomada do crescimento da economia mundial, com base em informações divulgadas pelo FMI. Para os EUA, prevê-se um crescimento de 2,3% em 2002, contra 1,4% em 2001.² Por sua vez, a União Européia deve crescer 1,5% no ano em curso, embora menos que em 2001 (Sin. Econômica, 2002a). Paralelamente, discorria-se sobre os benefícios resultantes do descolamento do Brasil da crise argentina em termos de entrada de capital estrangeiro e de estabilização da moeda nacional.

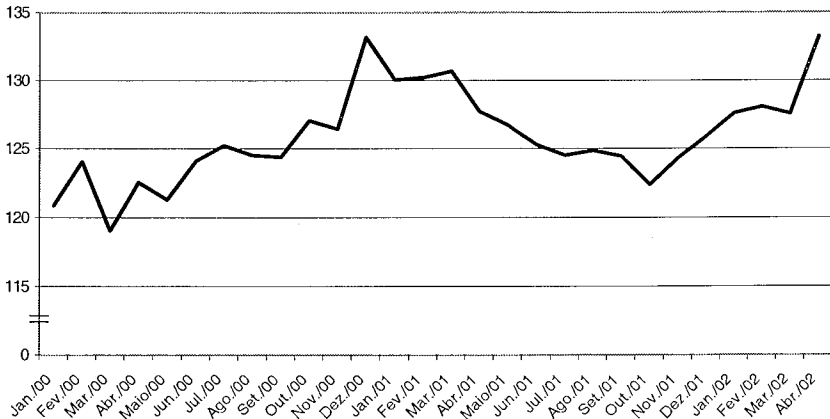
O desempenho da produção industrial ao longo do primeiro quadrimestre de 2002 confirma a fase de expansão moderada da atividade fabril que se fez presente a partir do final de 2001 (Gráfico 1). Com exceção de março, a série livre de influências sazonais apresentou aumentos mensais, levando a um acréscimo acumulado de 8,6% entre outubro do ano passado e abril deste ano.

¹ A relação entre a queda dos juros reais e a atividade econômica é direta. Por exemplo, a alta dos juros reais em 1997 e 1998 freou o crescimento da economia.

² O PIB norte-americano cresceu 5,8% no primeiro trimestre de 2002, inclusive superando as expectativas iniciais (Sin. Econômica, 2002a).

Gráfico 1

Evolução mensal do índice de produção física da indústria geral no Brasil — jan./00-abr./02



FONTE: PRODUÇÃO física industrial: Brasil — número-índice (2001-2002). Disponível em: <http://www.sidra.ibge.gov.br> Acesso em: 17 jun. 2002.

NOTA: Índice de base fixa com ajuste sazonal (base: média de 1991 = 100).

Essa recuperação, contudo, ficou aquém do esperado, perdendo muito de seu ímpeto ao longo do período. Já no início de 2002, lançavam-se dúvidas sobre o fôlego da retomada gradual do crescimento da atividade industrial no Brasil e sobre as estimativas de crescimento de 2,5% do PIB que predominavam na ocasião. Conforme alertado em análises anteriores desta revista (Calandro, Campos, 2002), o elevado grau de vulnerabilidade externa da economia brasileira continua ameaçando o ritmo de crescimento econômico.

Entre os indicadores de demanda, as condições de crédito e a elevada inadimplência têm repercutido negativamente sobre as expectativas dos consumidores, o que pode ser verificado no recuo de 12,3%, em maio, do Índice de Intenções do Consumidor, divulgado pela Federação do Comércio do Estado de São Paulo. A perda de dinamismo do setor industrial também pode ser relacionada com os resultados mensais do desempenho do comércio varejista, mostrando taxas de crescimento relativamente baixas, mesmo em períodos de elevado apelo comercial, tais como o Dia das Mães e a realização da Copa do

Mundo. Mesmo assim, permanecem como positivos os efeitos do crescimento da renda agrícola e do pagamento das primeiras parcelas relativas ao acordo sobre as perdas do Fundo de Garantia por Tempo de Serviço (FGTS), priorizando os trabalhadores de menor renda, com uma maior propensão ao consumo de bens não duráveis (Bacen, 2002b). Deve ser destacado, também, o ciclo eleitoral, que, historicamente, gera impactos positivos sobre a economia, especialmente sobre o mercado informal de trabalho, sobre segmentos da construção civil e sobre indústrias de material plástico, gráfica, têxtil e de confecções.

Uma posição mais conclusiva a respeito do ritmo da atividade industrial deverá ser possibilitada com as informações referentes aos meses de maio e junho, principalmente em virtude dos sinais de desgaste dos fatores de otimismo presentes no início do ano, por um lado, e pelo clima de nervosismo que vem se abatendo sobre a economia brasileira e que se refletiu em forte alta do Risco-Brasil e da cotação do dólar, por outro.³ As dúvidas acerca da política econômica do próximo governo e sua capacidade de continuar atraindo o elevado volume de recursos necessário para fechar o balanço de pagamentos e para a rolagem da dívida mobiliária, assim como o abalo na credibilidade das aplicações financeiras, têm aumentado sobremaneira a turbulência do mercado financeiro.

A produção industrial brasileira no quadrimestre: o retorno da incerteza quanto ao crescimento

A evolução dos índices de produção física nos primeiros meses de 2002, calculados pelo IBGE, na série livre de influências sazonais, mostra uma suave retomada da atividade industrial, seguindo uma tendência iniciada em novembro de 2001, conforme pode ser observado no Gráfico 1. O resultado do mês de abril (4,07% em relação a março) é o mais expressivo, pois, além de ser o primeiro a situar-se em um patamar superior aos índices do primeiro quadrimestre de 2001, também supera os níveis imediatamente pré-acionamento, de modo que "(...) pode-se inclusive afirmar que a etapa inicial do movimento de recuperação da atividade industrial já foi atingida (...) já se recuperou o que foi perdido com a crise energética" (Econ. e Conj., 2002, p. 7). Também merece registro o fato de que esse índice é o segundo mais elevado da série apresentada no Gráfico 1, embora seja necessário observar que ele reflete um crescimento superestima-

³ Nas últimas semanas, o Risco-Brasil vem aumentando sucessivamente, e a cotação do dólar vem batendo sucessivos recordes. Por ocasião do fechamento deste número, o Risco-Brasil, medido pelo EMBI + do J. P. Morgan, atingia 1.700 pontos, e 1 dólar valia R\$ 2,89.

do, em razão de um número maior de dias úteis decorrentes do deslocamento da Semana Santa para o mês de março neste ano.⁴

Em termos de categorias de uso, o índice dessazonalizado de 4,1% em abril foi primordialmente influenciado pelo crescimento dos bens de capital (7,1%) e dos bens de consumo duráveis (7,0%). Quanto aos ramos industriais de maior impacto, os dados do IBGE apontam como principais os de produtos alimentares (8,5%), mecânica (8,4%) e material elétrico e de comunicações (11,0%).

A expansão da produção industrial também fica evidente na comparação mensal com o mês de abril de 2001. A taxa de crescimento de 6,0% interrompe uma seqüência de queda nesse tipo de indicador, que já durava oito meses. Petróleo, gás natural, açúcar cristal, aves abatidas, molhos preparados para alimentação, calçados de couro, camisetas, aparelhos de TV, móveis domésticos, combustível e lubrificantes elaborados, transformadores de alta tensão e tratores agrícolas destacam-se dentre os produtos que mais contribuíram positivamente para a formação da taxa global.

Esse comportamento favorável também foi assinalado por outros indicadores do nível da atividade industrial. A análise do desempenho da indústria brasileira com base nos índices elaborados pela CNI (Indicadores Industr., 2002), por exemplo, mostra que, nessa mesma comparação, houve expansão em quase todos os indicadores, com destaque para as vendas reais e para as horas trabalhadas na produção, que aumentaram 5,0% e 5,8% respectivamente. Houve queda apenas nos salários líquidos reais.

A utilização dos indicadores acumulados, entretanto, mostra-se mais adequada para uma avaliação mais precisa do desempenho da indústria no primeiro quadrimestre do ano, pois estes são pouco ou nada afetados pelo efeito-calendário acima identificado. A Tabela 1 apresenta a evolução do indicador acumulado em 2002 até o mês de abril e o acumulado dos 12 últimos meses até abril, este último representando a taxa anualizada.

Em termos da variação acumulada no quadrimestre, quando comparada com o mesmo período do ano anterior, a produção da indústria mostrou uma queda de 0,11%, em oposição às taxas positivas observadas em 2000 e 2001, respectivamente, 6,8% e 6,9%. A produção de bens de capital, uma das categorias de uso que vinha alavancando a atividade industrial, conforme pode ser constatado pela taxa anualizada de 5,87%, apresentou uma expansão pequena, embora ainda positiva, beneficiada pelo dinamismo do segmento produtor de

⁴ A incidência eventual de feriados móveis em meses alternados gera um efeito estatístico que não é compensado no processo de dessazonalização. Desse modo, a magnitude dos resultados de março ficou minorada em relação ao mês de fevereiro; em abril, o efeito é ampliado frente ao mês de março; e, por último, em maio, os dados deverão ter sua magnitude novamente minorada com relação aos do mês anterior.

equipamentos agrícolas. O aumento da renda do produtor e a disponibilidade de financiamento para a renovação do parque de máquinas agrícolas (Programa de Modernização da Frota Agrícola — Moderfrota), o atendimento de pedidos já em carteira e a ampliação do investimento em algumas áreas de infra-estrutura têm beneficiado os produtores de bens de capital. No acumulado jan.-abr./02, comparado com o mesmo período de 2001, a produção de tratores e máquinas rodoviárias expandiu-se 16,56%, e a de equipamentos para produção e distribuição de energia elétrica, 6,39%, conforme dados do IBGE.

Tabela 1

Taxa de crescimento acumulada da produção física da indústria,
por categoria de uso, no Brasil — 2000/02

(%)

SEGMENTOS	ACUMULADA JAN-ABR (1)		ACUMULADA EM 12 MESES (2)	
	2000	2001	2002	Abr./02
Bens de capital	5,91	19,98	0,26	5,87
Bens intermediários	8,10	5,29	-0,44	-1,93
Bens de consumo	3,64	4,67	0,48	-0,07
Duráveis.....	10,06	14,70	-3,83	-5,98
Semiduráveis e não duráveis	-0,14	1,89	1,81	-1,63
Indústria geral	6,76	6,85	-0,11	-0,69

FONTE: PRODUÇÃO física industrial; número-índice (2002). Rio de Janeiro: IBGE.
Disponível em: <http://www.sidra.ibge.gov.br> >. Acesso em: 14 jun. 2002.

(1) Os dados têm como base igual período do ano anterior = 100. (2) Os dados têm como base os últimos 12 meses = 100.

Segundo a Associação Brasileira da Indústria de Máquinas e Equipamentos (Abimaq), o setor de máquinas espera crescer entre 6% e 8% este ano, bem menos do que o inicialmente planejado, agora, primordialmente sustentado pelo segmento de tratores para agricultura, ao contrário do ano passado, quando a expansão foi garantida por investimentos concentrados na geração de energia. Em 2002, os impasses do setor elétrico, o adiamento da construção de usinas termoelétricas e o difícil cenário externo nublam o horizonte de produção dos bens de capital sob encomenda. “A demora na regulação do setor elétrico e a cautela dos investidores também elevam o receio de que

novas obras e projetos possam ficar paralisados e sejam retomados a médio prazo. Nesse quadro, muitas empresas iniciariam 2003 com alto nível de ociosidade em suas fábricas.” (Indústria..., 2002, p. A3).

As vendas de máquinas agrícolas, conforme dados divulgados pela Abimaq, aumentaram entre 30% e 40% desde a criação do Programa Moderfrota. Um resultado objetivo diz respeito à idade média da frota de máquinas agrícolas brasileira, que recuou de 18 para 15 anos, em média, nesse período. O sucesso é tão expressivo que o Programa deverá ser estendido para a aquisição e a difusão de equipamentos de irrigação já na próxima safra (Abimaq..., 2002).

Bens de consumo é outra categoria de uso que apresentou expansão no quadrimestre em análise, embora a uma taxa reduzida, a exemplo de bens de capital. Foi o segmento produtor de bens de consumo semiduráveis e não duráveis, mais vinculados à produção agropecuária, que sustentou esse desempenho positivo, uma vez que a produção de bens de consumo duráveis declinou 3,83% nos primeiros quatro meses de 2002 em comparação com o mesmo período de 2001. A taxa anualizada de -5,98% comprova o rápido movimento de desaceleração desse segmento desde o final do ano passado. Em que pese a evolução recente da produção e das vendas de automóveis e caminhões, basicamente, o impacto negativo deverá continuar relativamente forte, pois as variações foram negativas em, respectivamente, 8,9% e 14,2% (Carta Anfavea, 2002). Na contramão, têm-se uma expansão significativa na fabricação de móveis e a Copa do Mundo a aquecer o ramo eletroeletrônico, que aposta recuperar as perdas de 2001 e crescer 6% em 2002. Entretanto, segundo a Associação Brasileira da Indústria Elétrica e Eletrônica (Abinee), o faturamento do setor de eletroeletrônicos caiu 4% no primeiro trimestre de 2002 em relação ao mesmo período do ano anterior. Esse comportamento decorreu do recuo de 7% no mercado interno e do crescimento de apenas 8% nas exportações (Econ. e Conj., 2002).

Por sua vez, a categoria de uso bens intermediários tem sido beneficiada pelos impactos positivos do setor de petróleo e de segmentos que processam matérias-primas de origem agrícola, em especial alimentos elaborados para consumo doméstico e fumo. Pelo lado negativo, sobressai a elevação de preço da nafta, a principal matéria-prima do segmento de plásticos, com reajuste superior a 20% no início do mês de junho; e a nova alta do dólar eleva os receios de uma nova escalada dos preços, conturbando ainda mais o cenário nacional.

A análise desagregada dessas informações em classes e gêneros industriais permite um detalhamento maior do comportamento dos índices de produção física da indústria. As informações da Tabela 2, referentes ao primeiro quadrimestre de 2002, comparadas com as de igual período de 2001 e utilizando este mesmo ano como um parâmetro adicional, mostram a predominância de taxas de crescimento negativas.

Tabela 2

Taxa de crescimento acumulada da produção física, por classes e gêneros da indústria, no Brasil — 2001/02

CLASSES E GÊNEROS	2001			2002		
	2001		2002		2002	
	Jan.-Abr.	Jan.-Dez.	Jan.-Abr.	Jan.-Abr.	Jan.-Abr.	Jan.-Abr.
INDÚSTRIA GERAL	6,83	1,42				-0,11
Indústria extrativa mineral	9,68	3,51				9,69
Indústria de transformação	6,49	1,17				-1,30
Minerais não-metálicos.....	0,20	-2,13				-2,73
Metalúrgica.....	7,90	0,75				-2,86
Mecânica.....	15,57	5,32				1,78
Material elétrico e de comunicações.....	19,40	6,71				-11,66
Material de transporte.....	17,95	5,31				-3,01
Madeira.....	-3,21	-0,31				-1,83
Mobiliário.....	1,78	-1,10				7,32
Papel e papelão.....	2,34	0,07				0,81
Borracha.....	-0,71	-4,53				-3,35
Couro e peles.....	-9,27	-9,43				-8,76
Química.....	1,85	-0,74				-0,56
Farmacêutica.....	-4,25	-2,12				17,70
Perfumaria, sabões e velas.....	7,30	-1,78				-4,24
Produtos de matéria plástica.....	-1,16	-5,01				-1,85
Têxtil.....	-1,86	-5,68				-3,72
Vestuário, calçados e artefatos de tecidos.....	-3,65	-6,51				-0,37
Produtos alimentares.....	4,79	5,06				2,15
Bebidas.....	2,54	-0,77				-5,74
Fumo.....	12,40	-4,70				37,79

FONTE: PRODUÇÃO física industrial; número-índice (2001-2002). Rio de Janeiro: IBGE. Disponível em: <http://www.sidra.ibge.gov.br> >. Acesso em: 17 jun. 2002.

NOTA: Os dados têm como base o índice acumulado em igual período do ano anterior = 100.

De imediato, observa-se que o maior impacto positivo sobre a taxa global provém da indústria extrativa mineral (9,69%), seguida pelas de fumo (37,79%), farmacêutica (17,70%), produtos alimentares (2,15%) e mecânica (1,78%), as duas últimas em razão de sua participação mais elevada no valor da produção industrial. Dentre as 13 taxas negativas, as que mais pressionaram o índice global foram material elétrico e de comunicações (-11,66%), metalúrgica (-2,86%) e material de transporte (-3,01%), gêneros que, no primeiro quadrimestre de 2001 e mesmo na taxa anualizada, tiveram um comportamento marcadamente expansivo.

Assim, o que se observa é que os resultados do acumulado no primeiro quadrimestre do ano (jan.-abr./01-jan.-abr./02) mostram que, na trajetória recente, o resultado levemente negativo do período está sendo em grande medida determinado pelo complexo metal-mecânico, que é o tradicional centro dinâmico da indústria. Os setores que estão puxando o crescimento da indústria são, basicamente, “primário-exportadores”: extrativa mineral (petróleo) e agroindústria (produtos alimentares e fumo). Os desempenhos de farmacêutica e fumo tornam-se expressivos em razão da magnitude do seu crescimento, pois ambos são gêneros pouco representativos na estrutura industrial. Os segmentos da agroindústria que registraram performance expressiva no quadrimestre foram, conforme divulgado pelo IBGE: destilação de álcool (17,2%), adubos e fertilizantes (22,8%), abate de aves (12,7%), abate de animais (9,9%), alimentos para animais (10,4%) e fabricação de óleos vegetais refinados (8,3%). Portanto, “(...) boa parte do desempenho do setor industrial foi determinado por um ‘choque’ de oferta positivo, dado pelo aumento da produção de petróleo e pela boa safra da lavoura” (Econ. e Conj., 2002).

Enquanto a produção e a venda de máquinas e implementos agrícolas mantiveram o crescimento já observado em períodos anteriores em decorrência do Programa Moderfrota do Governo Federal (com vistas à renovação da frota agrícola) e do aumento da renda agrícola proveniente da comercialização de safras recordes, a produção e as vendas das montadoras de veículos automotores (automóveis e caminhões) têm ficado muito aquém das metas previstas pelos fabricantes e também sensivelmente abaixo da capacidade instalada existente nessa indústria. Fatores externos, como os impactos da crise argentina e da recessão norte-americana, associados à crise energética brasileira e à maior competição existente no mercado doméstico afetaram negativamente o desempenho da indústria automobilística desde junho de 2001. Em 2002, a situação das montadoras viu-se agravada pelas dificuldades financeiras e pelo clima de incerteza que impera na economia brasileira. Segundo a Anfavea, a produção de automóveis e caminhões vem apresentando taxas mensais negativas nos últimos meses, acumulando perdas relevantes. Apenas o segmento produtor de ônibus urbano e de chassi comum a ônibus urbano e rodoviário tem registrado

crescimento, pois trata-se de um mercado em expansão no Brasil e em vários países para os quais as empresas brasileiras exportam.

Entretanto a aparente trajetória expansiva da indústria brasileira já começara a perder fôlego ao longo do quadrimestre. Em fevereiro, já se acumulavam evidências do desgaste do otimismo que norteara as previsões quanto ao desempenho da atividade industrial em 2002. A necessária recuperação do emprego e dos salários, fundamental para se obterem taxas mais expressivas de crescimento, ainda não se fizera presente — no acumulado do ano, a variação no emprego industrial foi negativa em 1,9%, o rendimento real médio dos ocupados manteve-se em queda expressiva, e a taxa de desemprego nas principais regiões metropolitanas atingiu 7,6% em abril e 7,7% em maio. Além desse vetor negativo, observou-se expansão da inadimplência, e a interrupção da trajetória de queda dos juros reais levou as instituições financeiras a adotarem maior cautela na concessão de empréstimos; todos esses fatores limitaram o surgimento de um novo ciclo de crédito na economia (Novais, 2002). Por sua vez, o saldo acumulado da balança comercial até abril decorre de uma expressiva redução nas importações e não do aumento das exportações, sendo tributário, em grande parte, da própria redução da atividade industrial. Enfim, "(...) o otimismo verificado no início do ano começa a ser substituído por uma dose maior de ceticismo quanto às perspectivas da economia em 2002" (Sampaio, 2002, p. 5).

Por outro lado, o movimento de substituição de importações já não era tão intenso. A relativa estabilidade do câmbio até abril enfraqueceu a alternativa de fabricação local induzida pela desvalorização cambial no ano passado (Lorenzi, 2002). Paralelamente, noticiou-se retração nos investimentos industriais programados desde o fim do ano passado, grande parte deles voltados para a ampliação da capacidade de produção, com foco na exportação.⁵ Um indicador das decisões de investimento empresarial, o valor real das liberações de financiamentos do Sistema BNDES destinados à indústria de transformação, acompanhadas da exigência de uma contrapartida de 40% a 50% por parte do investidor, assinala que os recursos liberados até maio de 2002, primordialmente direcionados para equipamentos de transporte, decresceram 21,1% na comparação com o mesmo período de 2001, o que acarretou uma diminuição de 20

⁵ Os investimentos em ampliação da capacidade produtiva passaram a ceder espaço para outros visando ao aumento de competitividade. Há capacidade ociosa a preencher, e a economia encontra-se relativamente estagnada. A ociosidade média da indústria brasileira hoje é de 21%, segundo a FGV. "Na esteira do esgotamento do primeiro ciclo de investimentos das telecomunicações pós-privatização, os setores de petróleo, gás, máquinas agrícolas, indústria de alimentos, papel e celulose, química e energia elétrica estão ocupando espaço na economia brasileira." (Durão, 2002, p. A5).

pontos percentuais (de 67% para 47%) na sua participação no total desembolsado (Sin. Econômica, 2002b). Considerando-se o valor total de créditos, contudo, houve um crescimento de cerca de 50%, concentrados em produção e distribuição de eletricidade, gás e água, transporte terrestre, telecomunicações e agropecuária.

Os sinais de retomada da atividade produtiva da indústria brasileira a partir do último bimestre do ano passado também foram observados em boa parte dos locais pesquisados pelo IBGE. As indústrias fluminense e gaúcha foram as que mais se destacaram, tanto nos resultados mensais como nos acumulados. Em abril, ambas cresceram 10,6% (a maior desde setembro de 2000 para a indústria gaúcha), embora impulsionadas por setores completamente diferentes, correspondendo às estruturas industriais específicas de cada estado. A divisão do período em bimestres, com vistas à superação do efeito-calendário, confirma o melhor desempenho da atividade industrial desses estados. Assim, nos quatro primeiros meses de 2002, na comparação com igual período do ano passado, a indústria gaúcha cresceu 3,1%, ocupando o segundo lugar após a fluminense (5,8%) (Pesquisa..., 2002). O bom desempenho do período devolve ao Rio Grande do Sul uma posição de destaque entre os estados contemplados na pesquisa do IBGE, que havia sido perdida pelo menor dinamismo da produção fabril estadual em 2001.

Indústria gaúcha no primeiro quadrimestre de 2001: crescimento com tendência de desaceleração

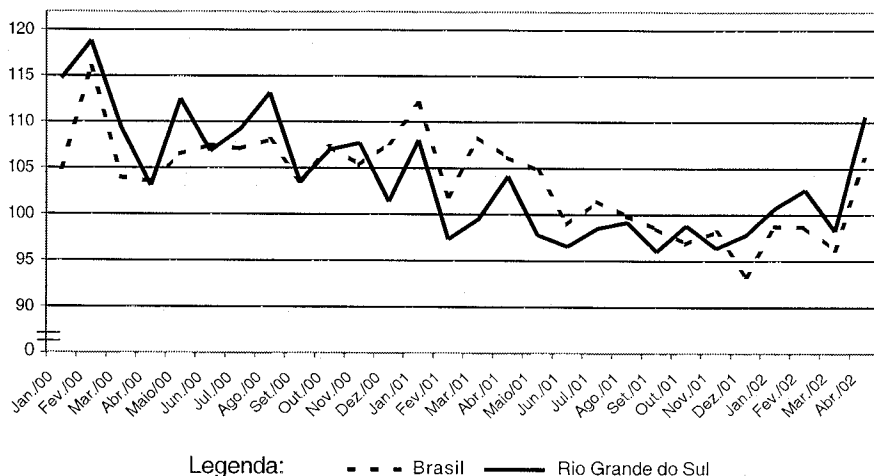
Os índices mensais de produção física da indústria gaúcha ao longo do período de jan./00-abr./02 alternaram variações superiores ou inferiores às verificadas nos índices relativos à atividade fabril brasileira, conforme pode ser observado no Gráfico 2. Especificamente no período que abrange dez./01 a abr./02, as taxas de crescimento da indústria estadual voltaram a superar as médias nacionais, configurando uma retomada do patamar da produção fabril. Uma última observação revela que, em linhas gerais, as trajetórias de crescimento de ambas as indústrias são semelhantes, embora o ritmo diferenciado conduza a percentuais de magnitude diferentes.

A passagem de taxas de crescimento negativas para positivas ou, ainda, a aceleração do ritmo de crescimento da indústria gaúcha também podem ser observadas pela evolução das taxas dos indicadores acumulados no ano e em 12 meses (anualizadas) (Tabela 3). No primeiro quadrimestre de 2002, fica evidente o abrandamento da trajetória de desaceleração que se fazia presente ao

final de 2001, ano em que a indústria gaúcha acumulou uma queda de 0,95% na sua produção industrial, segundo os índices de produção física calculados pelo IBGE. As taxas acumuladas no ano voltaram a ser positivas em janeiro de 2002, alcançando 3,14% em abril, e as anualizadas tiveram sua amplitude negativa diminuída a partir de fevereiro.

Gráfico 2

Evolução mensal do índice de produção física da indústria geral no Brasil e no Rio Grande do Sul — jan./00-abr./02



FONTE: PRODUÇÃO física industrial: Brasil e Rio Grande do Sul — número-índice (2001-2002). Disponível em: <http://www.sidra.ibge.gov.br> Acesso em: 17 jun. 2002.

NOTA: Os índices têm como base o mesmo mês do ano anterior.

Tabela 3

Taxa acumulada da produção física no Rio Grande do Sul — abr./01-abr./02

(%)

PERÍODOS	ACUMULADA NO ANO (1)	ACUMULADA EM 12 MESES (2)
Até abr./01.....	2,03	5,83
Até maio/01.....	1,10	4,52
Até jun./01.....	0,29	3,60
Até jul./01.....	0,02	2,68
Até ago./01.....	-0,09	1,50
Até set./01.....	-0,50	0,90
Até out./01.....	-0,58	0,22
Até nov./01.....	-0,85	-0,69
Até dez./01.....	-0,95	-0,95
Até jan./02.....	0,72	-1,44
Até fev./02.....	1,67	-1,05
Até mar./02.....	0,38	-1,16
Até abr./02.....	3,14	-0,58

FONTE: PRODUÇÃO física industrial; número-índice (2001-2002). Rio de Janeiro: IBGE. Disponível em: <http://www.sidra.ibge.gov.br> >. Acesso em: 18 jun. 2002.

(1) Os dados têm como base o índice acumulado em igual período do ano anterior = 100. (2) Os dados têm como base os últimos 12 meses = 100.

Outros indicadores também apontam a melhora no desempenho da indústria de transformação no Rio Grande do Sul, no período em análise. O Índice de Desempenho Industrial do Rio Grande do Sul (IDI-RS), calculado pela Federação das Indústrias do Estado do Rio Grande do Sul (FIERGS), cresceu 3,56% entre março e abril, 1,16% no acumulado janeiro-abril em comparação com o mesmo período do ano anterior e 2,72% nos últimos 12 meses. O maior crescimento das compras industriais em relação a março e também a abril de 2001 sugere uma melhora do desempenho nos meses seguintes. Também são positivos os dados referentes ao pessoal empregado e a horas trabalhadas na produção. Química, calçados e fumo foram apontados como os setores cujos desempenhos tiveram maior influência no resultado positivo do IDI-RS em abril (Desempenho..., 2002).

O desempenho da indústria gaúcha no primeiro quadrimestre de 2002 resultou dos avanços em sete dos 18 gêneros industriais pesquisados pelo IBGE. Deve-se salientar, entretanto, que a evolução do indicador mensal (comparação do mês com o mesmo mês do ano anterior) não foi uniforme ao longo do período, principalmente em razão do efeito-calendário mencionado no início deste artigo, que influenciou negativamente o mês de março e positivamente o de abril. Além disso, é importante lembrar que o primeiro quadrimestre de 2001 representa uma base de comparação bastante elevada (elevadas taxas de expansão da produção), atribuindo um efeito estatístico significativo às comparações entre esses dois períodos, ampliando a magnitude da queda. Tal como em nível de Brasil, entretanto, é necessário aguardar os resultados de maio e junho para identificar realmente a direção futura do desempenho da indústria gaúcha.

Considerando-se a taxa acumulada do quadrimestre, os resultados positivos que se situaram acima da média de 3,14% e que são representativos na estrutura da indústria gaúcha foram: fumo (51,11%); material de transporte (21,80%); mecânica (15,39%); e produtos alimentares (4,07%). Por sua vez, as principais pressões negativas para a formação da taxa global de crescimento da indústria gaúcha no mesmo período foram exercidas pelos gêneros material elétrico e de comunicações (-14,73%); química (-9,76%); madeira (-22,44%); e perfumaria, sabões e velas (-26,30%), os dois últimos ganhando importância em razão da magnitude das variações. Além destes, destacam-se também as taxas de crescimento negativas de minerais não-metálicos, mobiliário, borracha e têxtil. Em termos da taxa anualizada, que foi negativa nos últimos 12 meses até abril de 2002 (-0,58%), confirma-se a predominância de taxas negativas, observando-se que, de modo geral, o sentido das variações é o mesmo para os dois indicadores acumulados.

A análise dos dados da Tabela 4 permite observar uma piora relativa no desempenho do primeiro quadrimestre de 2002 quando comparado ao mesmo período do ano anterior, embora a taxa de crescimento do total da indústria tenha sido mais elevada no ano em curso do que em 2001. Além de aumentar o número de gêneros com performance negativa, houve vários casos de passagem de taxas positivas para negativas entre os dois quadrimestres considerados.

O escasso dinamismo da indústria gaúcha é parcialmente explicado pelo fraco desempenho de alguns setores exportadores, principalmente aqueles que direcionavam parcela expressiva de suas exportações para a Argentina. A crise política, econômica e financeira que se instalou naquele país vizinho acarretou uma substancial perda de capacidade de compra, e muitos exportadores tiveram que redirecionar seus produtos para o mercado interno ou para outros países. O outro fator determinante remete às incertezas sobre a economia brasileira e ao baixo nível de demanda interna.

Tabela 4

Taxa de crescimento acumulada da produção física, por classes e gêneros da indústria, no RS — 2001/02

CLASSES E GÊNEROS	ABR/02 (1)	ACUMULADA NO ANO (2)			ACUMULADA NOS ÚLTIMOS 12 MESES (3)
		Jan -Abr /01	Jan -Dez /01	Jan -Abr /02	Até Abr /02
INDÚSTRIA GERAL	10,64	2,02	-0,96	3,14	-0,58
Indústria extrativa mineral	11,17	-25,64	-15,97	4,55	-6,11
Indústria de transformação	10,64	2,13	-0,90	3,14	-0,56
Minerais não-metálicos	25,00	-0,78	1,80	-8,90	-0,76
Metalúrgica	6,05	-6,51	-3,98	-1,03	-2,19
Mecânica	20,99	26,32	17,06	15,39	13,98
Material elétrico e de comuni- cações	4,31	3,52	-9,97	-14,73	-15,64
Material de transporte	32,47	8,00	4,76	21,80	9,51
Madeira	-33,94	-4,57	-8,10	-22,44	-13,55
Mobiliário	12,30	2,35	5,40	-4,29	3,32
Papel e papelão	-17,98	-0,04	-2,00	0,77	-1,74
Borracha	7,15	7,19	-0,04	-7,17	-4,72
Couro e peles	3,93	-12,56	-10,98	-3,26	-8,02
Química	-0,81	-5,28	-7,58	-9,76	-8,88
Perfumaria, sabões e velas ...	-7,67	13,25	-8,13	-26,30	-21,09
Produtos de matéria plástica	4,38	-5,15	-7,38	-2,16	-6,44
Têxtil	-2,38	7,84	5,57	-6,64	0,43
Vestuário, calçados, artefatos de tecidos	-0,84	2,59	-2,91	-1,85	-4,22
Produtos alimentares	8,54	-5,62	-2,90	4,07	0,23
Bebidas	-10,41	-11,65	-6,07	1,60	-1,54
Fumo	51,75	14,36	-5,42	51,11	10,18

FORNTE: PRODUÇÃO física industrial; número-índice (2001-2002). Rio de Janeiro: IBGE. Disponível em: <http://www.sidra.ibge.gov.br> > Acesso em: 19 jun. 2002

(1) Índice mensal com base em igual mês do período anterior. (2) Índice acumulado com base em igual período do ano anterior = 100 (3) Índice acumulado com base nos últimos 12 meses = 100

As vendas externas do RS experimentaram uma queda de 12,2% no acumulado de janeiro a maio em relação ao mesmo período em 2001. Os efeitos adversos da retração do comércio internacional, da piora nos preços internacionais de *commodities* agrícolas e industriais, da crise argentina e do desaquecimento das economias norte-americana e européia, dentre outros fatores, fizeram-se presentes com intensidade no setor exportador gaúcho. As exportações de produtos industriais registraram uma redução de US\$ 161,5 milhões até maio, sendo calçados, plásticos, produtos alimentares, química e papel e papelão os setores mais atingidos.

O impacto da crise argentina e da retração dos preços internacionais foi particularmente importante. Cerca de 92% das vendas externas para aquele país são originárias do setor industrial (Exportações..., 2002), e a suspensão dessas vendas obrigou um redirecionamento das exportações gaúchas para outros países, extra-Mercosul, o que poderá trazer expressivos benefícios a longo prazo. Por sua vez, com relação à retração dos preços internacionais, um levantamento efetuado pela Associação de Comércio Exterior do Brasil (AEB) mostra que vários produtos representativos da pauta de exportações brasileira, e também do Rio Grande do Sul, possuem, hoje, uma cotação mais baixa que em 1996. Nessa situação, destacam-se soja em grão (-37,7%), fumo em folha (-49,3%), carne de frango (-34,5%), carnes bovina (-52,1%) e suína (-45,3%) e celulose (-27,8%) (Ferrari, 2002).

A contribuição para a formação da taxa de crescimento de 3,14% da indústria de transformação dada pelo gênero mecânica deveu-se, essencialmente, à expansão continuada da produção de tratores e colheitadeiras agrícolas, que constitui um importante parque industrial no Rio Grande do Sul. Por um lado, esse gênero foi beneficiado pela manutenção da demanda crescente por máquinas e implementos agrícolas, tendo em vista o fato de esse setor não ter sido tão afetado pelas crises na Argentina e nos Estados Unidos, bem como pela ocorrência de safras recordes, que aumentaram o poder aquisitivo dos produtores rurais; por outro, destacam-se os recursos liberados no âmbito do Programa Moderfrota, que têm sido fundamentais para o aumento da produtividade da agricultura gaúcha e da brasileira, além de alavancar a produção de tratores e colheitadeiras agrícolas. Nos primeiros quatro meses, as vendas desses bens no Rio Grande do Sul cresceram 48,37%, sendo que o Moderfrota "(...) responde pelo financiamento de mais de dois terços da comercialização de máquinas e implementos (...). Desde a sua criação, em março de 2000, já foram liberados desembolsos no valor de R\$ 3,7 bilhões" (Vendas..., 2002, p. 9).

Quanto ao gênero material de transporte, a sua contribuição positiva de 1,41 ponto percentual para a formação da taxa global da indústria no quadrimestre reflete o crescimento da fabricação de autoveículos de transporte de passageiros e de carga, uma vez que o índice de produção física do IBGE

ainda não incorporou a planta automobilística da GM. Esse gênero vem ajudando a sustentar o crescimento da indústria de transformação gaúcha nos últimos anos, com a produção de caminhões, reboques, semi-reboques, ônibus, microônibus, peças e componentes automotivos. O bom desempenho também é confirmado pelo indicador acumulado nos últimos 12 meses, que cresceu 9,51% até abril de 2002.

O eixo Porto Alegre — Caxias concentra uma forte cadeia produtiva automotiva, e os bens produzidos são direcionados tanto para o mercado nacional como para o internacional. Empresas como a Randon, que produz caminhões e implementos rodoviários, e a Marcopolo, que é a maior fabricante de carroçarias de ônibus da América Latina, dentre várias outras, conferem o dinamismo necessário para essa cadeia produtiva regional. As perspectivas para esse setor, entretanto, são de desaquecimento, haja vista o estreitamento do mercado brasileiro de caminhões, de todos os tamanhos, e as dificuldades vividas pela Argentina, que era o principal destino dos reboques e semi-reboques aqui produzidos. Por exemplo, as metas de produção e de vendas de caminhões no Brasil foram reduzidas de 72 mil para 65 mil unidades em 2002 (International..., 2002). Por sua vez, as perspectivas para o segmento produtor de ônibus e microônibus são mais promissoras. Além de colocar parcela expressiva da produção no mercado internacional, possui um mercado nacional em expansão, tendo em vista a necessidade crescente e constante de aumentar ou renovar a frota de ônibus urbano e, principalmente, para atender ao segmento de mercado específico de microônibus, que vem crescendo a taxas consideráveis nos últimos anos.

O gênero produtos alimentares conseguiu melhorar sua performance no primeiro quadrimestre de 2002, passando de uma taxa negativa (-5,62%) para uma taxa positiva (4,07%). Esse resultado pode ser atribuído, em grande parte, ao bom momento vivido pelos segmentos produtores de carnes bovina e suína, abate de aves, beneficiamento de arroz e produção de farelo de soja, dentre outros, que também exportam parcela expressiva de sua produção. Entretanto as perspectivas são menos otimistas, haja vista o cenário macroeconômico menos favorável — queda na renda, desemprego recorde e juros altos. Acrescenta-se a isso a retração dos setores de aves, suínos e bovinos e do complexo soja, com preços retraídos no mercado internacional, que são os maiores alavancadores de vendas no Estado.

Por último, tem-se o extraordinário crescimento da produção do gênero fumo, devido aos avanços no beneficiamento do fumo em folha. O Rio Grande do Sul, que responde por cerca da metade da produção nacional de fumo, aumentou a sua produção interna em 22% no último ano. O mercado internacional representa o principal elemento dinamizador da produção de fumo no Estado —

70% da produção é exportada —, impulsionado pela boa qualidade e pelo preço competitivo do produto local. Europa, Estados Unidos e países árabes são os tradicionais compradores do fumo brasileiro (Mercados..., 2002).

Com desempenho desfavorável no primeiro quadrimestre de 2002, destacam-se os gêneros química, com decréscimos no processamento de nafta, material elétrico e de comunicações, em razão da menor fabricação de capacitores eletrônicos, e madeira, com retração na produção de chapas e placas de madeira, conforme o IBGE.

O gênero química vem apresentando retração na produção nos últimos dois anos, primeiro, devido à concorrência dos produtos petroquímicos asiáticos e à redução dos preços dos mesmos no mercado internacional (e no mercado nacional, haja vista que esses são fixados em dólar). Acrescente-se a isso o aumento expressivo dos preços internos de nafta e as suas consequências sobre a produção de resinas termoquímicas, que são a matéria-prima para a fabricação de produtos de matérias plásticas. Nesse sentido, o aumento de mais de 20% do preço da nafta no começo de junho foi considerado preocupante pelos empresários do setor.

Uma solução que vem sendo adotada pela Copesul, a central de matérias-primas do Pólo Petroquímico do Sul, é a importação de nafta, utilizando a cota máxima permitida pela Petrobrás. Essa importação beneficia a empresa em um momento em que as vendas de matérias-primas estão relativamente retraídas. Os volumes comercializados reduziram-se em mais de 10% nos últimos meses: "(...) a central operou entre janeiro e março de 2002 com 75,3% da capacidade instalada, e as vendas de petroquímicos básicos caíram 20%, totalizando 543 mil toneladas" (Moglia, Vilaradaga, 2002, p. C1).

No que se refere ao desempenho do gênero material elétrico e de comunicações, a passagem de taxas positivas para negativas entre os dois períodos analisados reflete os efeitos do racionamento de energia elétrica imposto à economia brasileira ainda no primeiro semestre de 2001.



Em suma, no primeiro quadrimestre, o desempenho da indústria brasileira já mostra uma perda de dinamismo como resultado do desgaste do otimismo que se instalara no final de 2001 com relação ao reaquecimento da atividade industrial. A partir de fevereiro, passaram a acumular-se evidências de que a retomada perdera muito do seu ímpeto. O resultado de abril, taxa de crescimento de 4,07% com relação a março, não deverá sustentar-se nos meses seguintes, tendo em vista os ambientes interno e externo bastante desfavoráveis.

Na indústria gaúcha, a desaceleração no ritmo de crescimento da atividade industrial ainda é pouco sentida, e as taxas do quadrimestre, particularmente a de abril, devolveram ao Rio Grande do Sul o papel de liderança entre os estados que participam da pesquisa do IBGE. Entretanto já pode ser observada uma perda de dinamismo em decorrência da instabilidade do câmbio e dos mercados financeiros, da manutenção dos juros em níveis elevados e da retração das demandas interna e externa, que tendem a neutralizar os efeitos positivos advindos da incerta recuperação da economia norte-americana e do fim do racionamento de energia elétrica em março.

Bibliografia

ABIMAQ defende isenção de IPI para o setor. **Jornal do Comércio**. Porto Alegre, 30 abr./1 maio 2002. p. 10.

BANCO CENTRAL DO BRASIL. **Notas da 71ª Reunião do Comitê de Política Monetária**. Brasília, 21/22.5.2002. Disponível em: <http://www.bcb.gov.br/htms//copom/not200205171.shtm> Acesso em: 12 jun. 2002a.

BANCO CENTRAL DO BRASIL. **Notas da 72ª Reunião do Comitê de Política Monetária**. Brasília, 18/19.6.2002. Disponível em: <http://www.bcb.gov.br/htms//copom/not200206172.shtm> Acesso em: 27 jun. 2002b.

CALANDRO, Maria Lucrecia; CAMPOS, Silvia Horst. O desempenho da indústria em 2001: uma trajetória de desaceleração. **Indicadores Econômicos FEE**, Porto Alegre, v. 29, n. 4, p. 129-151, fev. 2002.

CARTA DA ANFAVEA. São Paulo: ANFAVEA, n. 193, jun. 2002.

DESEMPENHO industrial apresenta recuperação. Porto Alegre: Fiergs/ /Ciergs. Disponível em: <http://www.fiergs.org.br/noti29.htm> Acesso em: 14 jun. 2002.

DURÃO, Vera Saavedra. Agronegócios e energia lideram investimentos. **Valor Econômico**. São Paulo, p. A5, 10 jun. 2002.

ECONOMIA & CONJUNTURA. Nível de atividade industrial. Rio de Janeiro: IE.UFRJ/ONIPHP, ano 2, n. 29, junho 2002. Disponível em: <http://www.onip.org.br//ONIPHP/br/infoeconomica/periodico/pdf/MeJun2002.pdf> Acesso em: 25 jun. 2002.

